



Cazuza, Um Exagerado: Análise do Programa Por Toda Minha Vida¹

Jesana Pereira de JESUS²
Judivan Alves FERREIRA³
Miranda GOMES⁴
Rafaela Mariene Teza MAZZOLA⁵
Taianne Santos Moreira de SOUZA⁶

Universidade Federal do Tocantins, Palmas, TO

Resumo:

A mídia na modernidade se encarrega de produzir e transmitir formas simbólicas para indivíduos situados em diversos contextos. O Programa Por Toda Minha Vida, transmitido pela Rede Globo, apesar de veiculado numa TV aberta e comercial surge com o intuito de compartilhar aspectos da cultura brasileira e eternizar personalidades artísticas. A partir de conceitos utilizados por Thompson, Brandão e Wolton busca-se analisar o Programa Por toda Minha Vida, especial Cazuza e dar destaque acerca do espaço dedicado à música nas emissoras de televisão, além de aspectos relacionados à vida particular do cantor e compositor Agenor de Miranda Araújo Neto, o Cazuza.

Palavras-Chave: Por Toda Minha Vida. Cazuza. Cultura. TV.

1 Introdução

Eternizar a figura de um ídolo e representar as suas diferentes facetas são algumas das características proporcionadas pela mídia. Públicos dos mais variados gêneros se vêem diante de uma programação televisiva marcada, sobretudo com conteúdos de entretenimento. O Programa Por Toda Minha Vida é um especial veiculado por uma TV aberta e comercial que visa revelar aspectos da vida íntima e características das obras dos ídolos que marcaram diversas gerações, constituindo-se em um gênero híbrido, por apresentar discussões e reflexões acerca das questões que tangem a vida dos artistas, além de entreter com suas obras.

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 17 a 19 de maio de 2012.

² Estudante de Graduação 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFT, email: jesanajesus@gmail.com

³ Estudante de Graduação 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFT, email: judi.ferreira@uft.edu.br

⁴ Estudante de Graduação 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFT, email: mirandab@hotmail.com

⁵ Estudante de Graduação 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFT, email: rafaelamtm@hotmail.com

⁶ Estudante de Graduação 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFT, email: taianne-moreira@bol.com.br



Diante desse cenário faz-se necessário discutirmos aspectos abordados por autores como Thompson (2002) o qual trabalha discussões concernentes a historicidade mediada e a maneira como os indivíduos recebem a mensagem. Desenvolve-se também a teoria do laço social de Wolton (2004), inserindo conceitos como o de grande público e o espaço reservado à música brasileira na TV, dentre outras discussões. Para ampliar a análise utiliza-se também Brandão e conceitos como o de espetacularização da notícia.

2 Grandes Festivais da Música Brasileira

O período dos anos de 1965 a 1985 foi marcado por profundas transformações no campo político, econômico e social do Brasil. O Regime Militar amordaçou a imprensa para tentar impedir que o Brasil mostrasse a cara. Os cidadãos criaram outros meios para expressar sua indignação com a situação política da época.

O fato é que o Estado militar cuidou de controlar as massas, dissolver as organizações populares, perseguir parlamentares, jornalistas, ativistas políticos e sindicalistas, além de intelectuais. [...] Mesmo assim os artistas não se calaram totalmente. Ao contrário, lançaram suas mensagens de protesto de forma mais sutil, encobertas por linhas, ou seja, elas estavam lá, mas nas entrelinhas, por meio de metáforas. (BERNARDO, 2007, p. 12)

Os brasileiros desfrutaram nas décadas de 60 e 70 dos maiores festivais e programas de música nacional. Podemos exemplificar com o Festival da Música Popular Brasileira e a I Bienal do Samba promovidos nos anos 60 pela TV Record, o Festival Nacional de Música Popular exibido de 1965 a 1968 na TV Excelsior, o Festival Internacional da Canção de 1966 a 1972 na TV Globo ainda na mesma emissora MPB 80, MPB Shell, Festival dos Festivais e Festival da Música Brasileira (2000). A TV Tupi exibiu o Festival Universitário da Canção Popular e o Festival 79 da Música Popular e a TV Cultura com o Festival Universitário da Música Popular Brasileira.

[...] foi nos anos de 1970, com o processo de consolidação da indústria fonográfica e da televisão, que a música teve seu período de maior crescimento. O caráter da socialização trazido pela indústria cultural, no sentido de divulgação das músicas aliado a massificação da televisão, fez com que a música tomasse presença constante na vida dos habitantes das grandes cidades, sendo um veículo de manifestação bastante utilizado. (BERNARDO, 2007, p. 13)



Os compositores e intérpretes revelados nesse período ainda influenciam a música nacional. Podemos citar Chico Buarque, Geraldo Vandré, Caetano Veloso, Gilberto Gil e inúmeros outros que se destacaram ao fazer da música uma forma alternativa de protesto ao Regime Militar. O especial Por Toda Minha Vida exibiu a história de alguns artistas contemporâneos a essa época, são eles: Renato Russo, Tim Maia, Chacrinha, Raul Seixas, RPM e Cazuza.

A juventude passou a ocupar lugar de destaque na televisão e utilizou de manifestações culturais para ser vista e ouvida. Os artistas da época foram considerados representantes da fragilizada democracia. Inspirados nos artistas da época vários jovens formaram bandas ousadas que pudessem expressar suas idéias. Barão Vermelho, Blitz, Paralamas do Sucesso, Titãs, Engenheiros do Havaí, Camisa de Vênus, Legião Urbana são bandas de destaque no cenário musical nacional na década de 80.

Em janeiro de 1985 surge o Rock in Rio em Jacarepaguá no Rio de Janeiro, considerado o grito de liberdade e início da democracia no Brasil. 28 bandas nacionais e internacionais dividiram o palco durante 10 dias. O Barão Vermelho, da qual Cazuza era vocalista, foi uma das grandes atrações da festa.

3 Programa “Por Toda Minha Vida”

O Programa Por Toda Minha Vida é um especial que envolve uma mesclagem de documentário e dramatização, transmitido pela emissora brasileira Rede Globo cuja estréia se deu em 28 de dezembro de 2006 com a trajetória de vida da cantora Elis Regina. O Programa é apresentado por Fernanda Lima e dirigido por Ricardo Waddington. Em seus 15 episódios também exibiu histórias de artistas dos mais variados gêneros musicais como Cartola, As Frenéticas, Tim Maia, Renato Russo, os irreverentes Mamonas Assassinas, a dupla de funk Claudinho e Buchecha, o rei do baião Luiz Gonzaga, dentre outros, além é claro das histórias do eterno Chacrinha e do Exagerado Cazuza.

A construção da fama tornou-se dependente do acionamento das estratégias visuais. Ninguém migra do anonimato à celebridade apenas pelos seus atos locucionários ou simplesmente pela sua belíssima voz, mas sim por ter sido visto. A



busca pelo chamado “minutos de fama” corresponde ao movimento da busca incessante pelo “bom desempenho” ou pelo poder de convencimento. Os meios televisivos utilizaram-se de recursos técnicos como matérias arquivadas e flashbacks, que não são exemplos de interação face-a-face, que se caracteriza em um contexto de co-presença, onde os participantes estão presentes e partilham do mesmo espaço-temporal.

Conceitos como evasão e frivolidade são transformados em sentimentos, comoção e identidade. Essa é a proposta do Programa Por Toda Minha Vida. É importante destacar que o próprio nome do programa nos remete ao eterno, ao duradouro e soa como música aos nossos ouvidos, uma vez que nos lembra a famosa canção de Tom Jobim “eu sei que vou te amar”.

O Programa objeto da nossa análise representa um híbrido de novela com documentário. Trabalha-se a ideia defendida por Rego (1996, p.84) apud Brandão (2002): “as fórmulas mediáticas modernas tendem a incluir o privado dentro do próprio espetáculo, no sentido de despolar estratégias de visibilização da intimidade para atrair audiências.” O pensador Edgar Morin⁷ (1999) acredita que a televisão pode ser educativa, mas afirma, também que “há uma passividade na medida em que somos expectadores e que até aquilo que habitualmente não faz parte do espetáculo é transformado em espetáculo para o telespectador”.

Os depoimentos, aliados ao uso de dramatizações e simulações ajudam a dinamizar o programa. Trabalha-se com uma linguagem simples, o que se aplica no princípio da flexibilidade, segundo o qual, a linguagem, inclusive a midiática, influencia o mundo e pode ser influenciada por ele. Nesse contexto, valores e ideologias que permeiam os diferentes públicos norteiam o processo de recepção e na construção dos diálogos proporcionados com a exibição do referido programa.

Wolton (1996) foi categórico ao dizer que aqueles que acreditam impertubavelmente em espectadores passivos e sem reações, nem interesses, “zapeando” aleatoriamente de um canal para o outro, deviam escutar as conversas nos transportes públicos e nas empresas. O Programa em questão, tenta proporcionar um vínculo entre os artistas homenageados e o seus receptores, o que corrobora para estreitar uma certa intimidade acerca de detalhes da vida privada antes desconhecida pelo público.

⁷ MORIN, Edgar. A complexidade do ser e do saber. Petraglia: Vozes, 1999.



A exposição atribuída aos ídolos pelo programa confirma a ideia defendida por Thompson (2008) de que quanto maior a amplitude do contexto interativo maior será a disponibilidade da mídia em abordar tais assuntos. Mauro Wolf (1999, p.37) citado por Brandão (2003, p.71) esclarece que “quanto mais expostas às pessoas são a um determinado assunto, mais o seu interesse aumenta e, à medida que o interesse aumenta, mais as pessoas se sentem motivadas para saberem mais acerca dele.

E nesse contexto inserimos a discussão diante do conceito de grande público, esse apresenta seus valores e trata-se ao mesmo tempo de música, mídias, televisão, modismos, dentre outras formas de culturas. Para Wolton (2004) a televisão, por meio dos filmes, documentários e alusões é a principal criadora e divulgadora da cultura de grande público, além de ser um fator determinante da produção da identidade cultural nacional, que não pode ser dispensável diante desse cenário.

A televisão é ao mesmo tempo criadora e divulgadora da cultura de grande público, transversal para todos os meios sociais, que constitui de certa forma a identidade da modernidade. Ela é também um lugar de exposição e sensibilização de cultura popular e das culturas particulares que emergem ou reaparecem. (WOLTON, 2004, p.170)

O Programa Por Toda Minha Vida nos remete ao conceito de historicidade mediada” atribuído por Thompson (2002), ou seja, que o “nosso sentido do passado e de como ele nos alcança se torna cada vez mais dependente da expansão crescente de um reservatório de formas simbólicas mediadas” (p. 38). Confere-se aos meios de comunicação o papel de principal aparato hegemônico de reprodução cultural e deste modo, como o programa visa mostrar histórias de artistas que já morreram ou que fizeram grande sucesso e tiveram suas figuras e suas artes eternizadas por meio da visibilidade proporcionada pelos veículos de comunicações, a nova geração poderá conhecê-los, assistir às suas histórias de vida, o que não seria possível se não fosse o desenvolvimento dos meios de comunicação.

3.1 “Por Toda Minha Vida” – Cazuza

O especial do Por Toda Minha Vida com o cantor Cazuza, exibido em 19 de novembro de 2009, foi escrito por Teresa Frota e contou com a direção de núcleo de Ricardo Waddington, direção de Gustavo Fernandez e redação final de George Moura.



A postagem do referido especial, no site youtube - local de obtenção do referido corpus - rendeu mais de 140.000 exibições, o que ajuda a exemplificar o sucesso do Programa.

É possível destacarmos que o meio técnico utilizado para a veiculação do programa Por Toda Minha Vida permite um certo grau de fixação da forma simbólica e sua preservação em outro meio, como a internet, possui graus variáveis de durabilidade e reprodutibilidade, o que facilitou o acesso à edição do especial analisado.

Para retratar a trajetória de Agenor de Miranda Araújo Neto, o Cazuzá, foram utilizadas dramatizações, imagens de arquivo e depoimentos de familiares e amigos, dentre eles nomes famosos, como o do jornalista Pedro Bial, dos cantores Ney Matogrosso, Frejat e Sandra de Sá, que ajudam a entendermos o contexto social em que estava inserido o cantor. Assim como afirma Lucinha Araújo, mãe do cantor, em depoimento ao Programa Por Toda Minha Vida:

O Cazuzá eu sempre digo assim, que ele nasceu em berço esplêndido da Música Popular Brasileira, né? Porque muito poucos cantores tiveram a sorte, por exemplo, ele teve o pai que desde os quinze anos trabalhava com música. Em várias gravadoras, lançou Caetano, Gal, Os Novos Baianos, Jair Rodrigues, a Elis...ele conviveu com essa gente toda desde criança.

“Exagerado”, “Vida Louca” e “Faz Parte do Meu Show”. As músicas de Caju, como era chamado pelos amigos, refletiam a vida que o mesmo levava. Ele fazia das muitas de suas canções, atos de protesto que representavam os anseios de uma juventude que aos poucos ganhavam suas cartas de alforrias da ditadura. Sua vida foi marcada por polêmicas (AIDS, bissexualismo, brigas...) e transgressões de valores, ainda preservados por muitas pessoas. Apesar de agradar a muitos jovens com seu estilo livre, despojado e despreocupado, deve-se levar em consideração que muitos dos receptores não compartilham dos mesmos pensamentos e ideais do artista.

A Tv enquanto mediadora e detentora de informação tem o dever de publicar não só o bom, o bonito e o que as pessoas querem ouvir, mas o oposto, o ruim, a veracidade, enfim deve mostrar a dicotomia que tange a vida dos sujeitos que integram esse cenário, afinal antes de serem artistas são também sujeitos comuns. E é neste contexto que mais um aspecto é posto em cena: de um lado há a esfera privada do indivíduo e do outro os interesses públicos.



O especial com o artista representou um conjunto de reflexões das normas sociais e do mundo moral e os meios de comunicações assumem um papel importante quanto à exposição dos mais diferentes temas, relacionados à medida que devem ser respeitados, seja como meio massivo que é “fator de modernidade, de coesão social e cultural e de identidade nacional” (WOLTON, 2006, p. 18), seja por sua capacidade educativa na consolidação de ações voltadas às mudanças de atitudes.

Nesse contexto, podemos inserir uma discussão apresentada por Wolton (2004), na qual o autor estabelece uma relação entre a crise do laço social e o interesse pela televisão. Segundo ele esta mídia oferece um laço estruturante, na qual, a esse nível de visibilidade de representação, não existem muitas outras atividades sociais e culturais tão transversais quanto à televisão, esta é tida como a única comum a todas as classes sociais e faixas etárias, o que proporciona um laço entre os diferentes meios.

Diante do que propõe Wolton (2004) acerca da tese do laço social, observa-se que embora a música seja um fenômeno cultural reverenciado por todos e do valor simbólico conferido a ela – o que contribui para reforçar a teoria em questão - não se deve esquecer de que mais do que valorizar a cultura, a televisão comercial, visa principalmente o lucro e está interessada no retorno financeiro que determinado programa pode proporcionar a ela.

Thompson (2002, p. 33) explica que as formas simbólicas se submetem a dois tipos de valorização, uma diz respeito ao valor que os objetos possuem em virtude do apreço, estima (valorização simbólica) e a outra está relacionada à mercantilização das formas simbólicas. Segundo ele “A valorização econômica é o processo de atribuição de „valor econômico“ às formas simbólicas, um valor pelo qual elas podem ser trocadas no mercado”.

Ainda sob a perspectiva do laço social percebe-se que, em partes, a temática trabalhada no Programa em questão não realiza o que propõe a teoria. Isto porque a comunicação mediada é sempre um fenômeno social contextualizado. O artista enfrentou problemas e vivia uma vida de liberdade em relação ao sexo, ao álcool, às drogas. Os receptores agem, conforme explica Thompson (2002), dentro de conjunturas previamente dadas que proporcionam diferentes inclinações e oportunidades aos mais variados grupos de indivíduos.



Wolton (2004) é categórico e afirma que a homogeneidade do conteúdo a ser transmitido não impede necessariamente a heterogeneidade da assimilação da mensagem. O processo de recepção, interpretação e reinterpretação das informações da vida do jovem cantor podem ter acarretado no estranhamento ou na aceitação a depender do contexto social, histórico e cultural em que estejam inseridos os seus diferentes públicos. Enquanto para uns, ele representava o atentado à moral e aos bons costumes, para outros, era o signo da liberdade, independência e felicidade: um ídolo.

Para Thompson (2002, p. 29-30), ao codificarem e decodificarem as mensagens, os indivíduos empregam “varias formas de conhecimento e suposições de fundo que fazem parte dos recursos culturais que eles trazem para apoiar o processo de intercâmbio simbólico”. Os conhecimentos e pressuposições vão interferir no modo como as pessoas recebem as mensagens, “à maneira como eles as entendem, se relacionam com elas e as integram em suas vidas.”

Os indivíduos utilizam na interpretação das mensagens, vários recursos culturais, que influenciarão no modo como eles incorporarão a mensagem, o modo como eles recebem as mensagens não é um processo sem problemas, sem crítica. Thompson (2002, p. 42-44) nos mostra também que o sentido que os indivíduos conferem aos produtos midiáticos variam de acordo com “a formação e as condições sociais de cada um, de tal maneira que a mesma mensagem pode ser entendida de várias maneiras em diferentes contextos”. O processo hermenêutico na recepção das mensagens é outro ponto a ser acrescentado. Isto significa que “os indivíduos que recebem os produtos da mídia são geralmente envolvidos num processo de interpretação através do qual esses produtos adquirem sentido”.

4 Cazua e a Importância do Biográfico

Espero que, no futuro, não esqueçam do poeta que sou. Que as pessoas não se esqueçam de que, mesmo num mundo eletrônico, o amor existe. Existe o romance e a poesia. Que mais crianças venham a nascer e é fundamental o amor aos pais.⁸

⁸ As citações que seguem sem referências foram retiradas da compilação feita por Ezequiel Neves e recolhida em entrevista às revistas *IstoÉ*, *Bizz*, *Playboy*, *Amiga* e *Interview*, no período de 1983 a 1989. Disponível em http://www.cazuza.com.br/sec_textos_list.php?language=pt_BR. Acesso em 13 junho 2011



O passado tem se tornado uma referência simbólica para a cultura contemporânea, não obstante, a idéia do novo parece estar associada, diretamente, ao velho. A lembrança é uma ideia marcante deste programa que aborda em seu conteúdo grandes personagens, sobretudo, da nossa Música Popular Brasileira – MPB. Existe certo interesse, tanto da emissora quanto do público, pelo que é biográfico, pois este alimenta a curiosidade e é uma forma do público matar a saudade dos ídolos que já morreram. Gilberto Velho⁹ (1994) aborda que:

[...]nas sociedades onde predominam as ideologias individualistas, a noção de biografia, por conseguinte, é fundamental. A trajetória do indivíduo passa a ter um significado crucial não mais contido, mas constituidor da sociedade. (VELHO apud RONDELLI, E. HERSCHMANN, M., 1994, p. 100¹⁰)

Ainda hoje Cazuza é lembrado pelo público devido a sua irreverente trajetória artística e pelo importante legado que ele deixou para a música brasileira, pois entre outras coisas ele trouxe ao cenário musical brasileiro rebeldia, contestação e provocação. O interesse do público pela vida do ídolo aliado ao consumo de recordações e produtos de cunho biográfico fez com que Cazuza ganhasse um programa sobre si.

Cazuza começou a carreira escrevendo letras e poemas. Chegou a ser aprovado no vestibular para o curso de Comunicação, mas não concluiu o curso, preferiu se dedicar à vida noturna e boêmia. Trabalhou no departamento artístico da Som Livre e em seguida na assessoria de imprensa, da mesma empresa, como divulgador.

Após chegar dos Estados Unidos onde fizera um curso de fotografia, Cazuza ingressa num grupo teatral e é indicado a uma banda de rock que estava sem vocalista: o Barão Vermelho. O vocal berrado de Cazuza agradou a banda composta por Frejat, Dé, Maurício Barros e Guto Goffi e dali em diante a banda passa a criar um repertório próprio.

⁹ VELHO, Gilberto. *Memória, identidade e projeto. Projeto e metamorfose*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

¹⁰ RONDELLI, Elizabeth; HERSCHMANN, Micael. A mídia e a construção do biográfico – o sensacionalismo da morte em cena. *Tempo Social*; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, **12**(1): 201-218, maio de 2000.



O primeiro álbum da banda, lançado em 1982, apesar de ser bem aceito pela crítica não vendeu muito. Entretanto, no ano seguinte o cantor Ney Matogrosso, ex Secos e Molhados, prova que o som feito pelo Barão é de boa qualidade cantando “Pro Dia Nascer Feliz” e as rádios começam a tocar a versão original do Barão Vermelho. Sobre este fato Cazuzza acomete “o Ney não grava a minha música por amizade. Foi por amor mesmo. A mim e à música”.

A banda fez tanto sucesso que foram convidados a compor e gravar o tema do filme Bete Balanço, que virou sucesso de bilheteria e estimulou as vendas de “Maior Abandonado”, terceiro disco do grupo.

Comemorando a eleição de Tancredo Neves e o fim da ditadura militar, Cazuzza canta “Pro Dia Nascer Feliz” enrolado na bandeira do Brasil no maior e mais importante festival da América do Sul, o Rock in Rio.

Para cantar “todo amor que houver nessa vida” exigia antes de tudo liberdade para expressar e compor. Depois de muitas brigas, Cazuzza deixa a banda para seguir carreira solo. O seu primeiro álbum solo foi “Exagerado” e esta faixa se tornou um de seus maiores sucessos, uma marca. Destacam-se também “Codinome Beija-Flor” e a canção censurada “Só As Mães São Felizes”. No segundo álbum destacam-se as músicas “Só se for a dois”, “O Nosso Amor A Gente Inventa” e “Ritual”. Sobre o álbum Exagerado Cazuzza fala :

[...] é um disco agressivo, mas eu acho que a gente tem que ser agressivo, porque estamos numa época muito agressiva, a direita está agressiva. Fiz análise dois anos e tenho uma coisa edipiana mesmo, e de Electra também (...) a minha ligação é forte com os dois, meu pai pelo lado da vida, e com a minha mãe pelo lado mágico. Minha mãe é mais uma coisa energética, cósmica, meio louca, ela entende tudo o que eu faço, não explico mais, pro meu pai eu já explico.

O poeta exagerado em algumas canções aborda questões ligadas à homossexualidade, “A Via Crucis do Corpo¹¹”, por exemplo, é uma delas: “Tudo é possível no amor”. Ainda hoje existe preconceito em relação à homossexualidade, porém na altura em que Cazuzza viveu o preconceito era, consideravelmente, maior. Tanto que Cazuzza causou

¹¹Esta canção composta em 1989 foi inspirada e dialoga com o texto de Clarice Lispector.



polêmica ao declarar em entrevistas que era bissexual: “Transo. Com homem, com mulher, não tem o menor problema” (ARAÚJO, 2004, p.353¹²)

Eu fico feliz quando penso que o homem difere dos bichos e das plantas porque pode amar sem reproduzir - embora o Papa não goste disso. O homem transa por prazer. Então, pode ser homem com homem, mulher com mulher, com diafragma, com pílula, com o que for... Homossexualismo¹³ é assim uma coisa normal. E o hetero, e o bissexualismo. O homem pode amar independente do sexo, porque ele não é bicho, não é planta. Se o cara não quer, não sente atração, tudo bem. Mas não tem esse negócio de regra geral quando se fala de amor. Quando pinta tesão, estou com Tim Maia e Sandra de Sá: "vale tudo", mesmo!

Ney Matogrosso ficou surpreso quando a equipe da Rede Globo entrou em contato com ele para obter informações sobre o romance dos dois. Para ele sempre terá gente que não vai querer que esse assunto seja falado, mas como ele mesmo afirmou “essa é uma história pública. Nós não escondíamos de ninguém nossa relação. Fomos muito importantes um para o outro. O romance acabou, mas não deixamos nunca de ser amigos”. Ney não quer levantar bandeira, mas sempre desafiou os costumes. O cantor acredita que as pessoas devam aceitar a realidade como ela é: “não acho que o amor entre dois homens seja bom ou ruim. É normal. Os meios de comunicação são mais caretas que o povo¹⁴”.

A relação de Cazuza com a mídia era oportuna e quando ele se manifestava publicamente nos veículos de comunicação era irreverente e extravagante. “Eu acho que a entrevista é uma maneira de você chegar ao grande público, porque eu sempre adorei ler entrevistas dos artistas que eu gosto, inclusive várias delas mudaram completamente minha cabeça”

No geral eu gosto de dar entrevistas. Gosto de falar, sou falastrão. O que eu tenho tentado melhorar é que eu falo demais e às vezes esvazio o que estou pensando. É uma coisa que eu herdei da minha mãe. Sou muito, ansioso, desde pequeno, quando eu era uma criança elétrica,

¹² ARAÚJO, Lucinha. **Cazuza**: só as mães são felizes. Lucinha Araújo em depoimento a Regina Echeverria; projeto gráfico Hélio de Almeida. 2. ed. São Paulo: Globo, 2004.

¹³ O termo homossexualismo deu lugar à homossexualidade na contemporaneidade.

¹⁴ Matéria disponível em:

<http://codinomecazuza.webnode.com/news/ney%20se%20espanta%20com%20decis%C3%A3o%20da%20tv%20de%20mostrar%20seu%20namoro%20com%20cazuza%20/> Acesso 13 de junho 2011



não parava no lugar, morava num apartamento muito pequeno, não tinha para onde ir...

A irreverência de Cazuza não ficou apenas nos palcos, mas também nas entrevistas e na vida apreendida pela imprensa. Segundo ele “o deboche é a maneira de estar vivo”, pois “o artista não é um operário, que bate o ponto e tal. Eu não acredito que ninguém possa ser operário da arte, porque a arte é contra a transformação do homem numa máquina” Ainda sobre a mídia, Cazuza escreveu “Jornais¹⁵”

Como um jornal abro a janela E vejo bancas, café da manhã Jornais
As pessoas lêem jornais Futilidades de um lado Filho que matou o pai
do outro Porque o pai não o amava Grupo de jovens mineiros
Profanam sepulturas E curram senhoras recém-falecidas XUXA peida
e se caga Fulana de tal usa Ban sem cheiro Jornais são perigosos
Porque você pode chorar Eu choro, eu leio jornais Jornais Verdade,
mentira Jornais Porrada na cara Mickey Rourke Almodóvar Não vivo
sem jornais Cubro minha casa com jornais E ainda servem pra
embalar o lixo.

Cazuza é internado e descobre que é portador do vírus HIV e é levado pelos pais para os Estados Unidos para se tratar. Em rede nacional Cazuza “mostra a cara” e anuncia que é portador do HIV, ajudando assim, a promover reflexões em relação à doença e seus efeitos.

Há algum tempo eu deixei de esconder a AIDS. Acho que graças à Marília Gabriela, que me deu um toque. Depois que ela me falou que não fazia sentido o fato de eu negar o vírus com minha posição liberal como artista. Aí eu pensei, vi que ela tinha razão e achei melhor parar de esconder.

Podemos perceber que a partir do momento que ele descobriu que estava com AIDS houve um amadurecimento nas suas composições e ele passou a ver o trabalho de outra maneira e começou a se preocupar pelo coletivo, mas sem deixar de fazer suas estripulias.

Cazuza inicia as gravações para um novo disco. Ideologia de 1988, que inclui os hits "Ideologia", "Brasil" e "Faz Parte Do Meu Show". Com shows mais elaborados e

¹⁵Disponível em: <http://codinomecazuza.webnode.com/products/jornais/>. Acesso 11 junho 2011



com direção de Ney Matogrosso a turnê do disco *Ideologia* viaja por todo o Brasil. Caju evocava palavras que refletiam em sua arte as posições assumidas pelo homem público.

Finalmente, eu consegui definir qual é o meu papel nesse mundão. É passar pras pessoas a minha energia. É aprender e, em cada trabalho meu e em cada disco, poder passar as minhas conquistas. Eu conquistei a vida de um ano pra cá e quero passar isso pras pessoas. Isso é uma coisa meio cristã. Sabe, você repassa aquele amor que armazenou e as pessoas adoram.

Mesmo debilitado e após uma crise devido à matéria publicada na revista *Veja* cuja manchete era “Cazuza: uma vítima da AIDS agoniza em praça pública” ele comparece, de cadeira de rodas, na cerimônia do Prêmio Sharp onde recebe os prêmios de melhor canção para “Brasil” e melhor álbum para *Ideologia*. Sobre a matéria publicada na *veja* ele responde: “tive vontade de vomitar quando vi aquela capa da *Veja*. Acabei tendo um problema cardíaco e por isso passei o dia numa cadeira de rodas. Mas minha cabeça está a mil”.

Com a voz enfraquecida, Cazuza grava seu último disco *Burguesia*. A morte de Cazuza foi construída aos poucos e ele simboliza a luta contra a AIDS, “a vida não para”. A mídia fez com que a vida privada de Cazuza voltasse a ser pública, pois:

[...] as construções discursivas, a partir da revelação, não mais procuraram especular sobre a doença do artista, mas desdobrá-la em várias matrizes, evocações, associações e determinações distintas, transformando-o num personagem, espécie de mártir e herói, talvez um paradigma do nosso tempo. (FAUSTO NETO, 1999, p. 122)

E o poeta parte em decorrência do mal do século XX. Mas fica a memória de “Ser artista no nosso convívio/ pelo inferno e céu de todo dia/ pra poesia que a gente não vive/ transformar o tédio em melodia”.

5 Considerações Finais

O Programa *Por Toda minha Vida*, especial Cazuza, contempla em boa parte a Teoria do Laço Social. A importância da música no cenário de nossa cultura é inegável. Os receptores mais jovens se viram na oportunidade de conhecer a história de um importante ícone da música brasileira. Já os mais velhos puderam presenciar novamente



fatos marcantes da carreira de um artista, importante para a sua época. Vale ressaltar que a proposta do Programa em difundir a trajetória de vida de artistas é válida, porém fica comprometida, por não ter uma periodicidade definida e não ser veiculado num horário considerado nobre na TV.

Compreendemos também que, a homogeneidade da mensagem não impede a assimilação heterogênea do conteúdo. A recepção do “grande público” é uma fato a ser observado, visto que para a interpretação e reinterpretação da mensagem, os receptores utilizam de recursos culturais e outros fatores que intervirão na maneira como eles a incorporarão.

6 Referências

ARAUJO, Lucinha. **Cazuza: só as mães são felizes**. Lucinha Araújo em depoimento a Regina Echeverria; projeto gráfico Hélio de Almeida. 2. ed. São Paulo: Globo, 2004.

BERNARDO, José Cláudio. **A MPB como recipiente de protestos contra a ditadura militar**: as metáforas carregadas de vozes contra o regime autoritário. (dissertação) Instituto das Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: www.btdt.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=283. Acesso em 19 junho de 2011.

BRANDAO, Nuno Goulart. **O espetáculo das notícias**: a televisão generalista e a abertura dos telejornais. Lisboa: Lusomundo, 2002.

CAZUZA. **Ideologia**. [LP]. Rio de Janeiro: Polygram; 1988.

FAUSTO NETO, Antônio. **Comunicação & Mídia Impressa**: estudo sobre a AIDS. São Paulo: Hacker Editores, 1999.

MORIN, Edgar. **A complexidade do ser e do saber**. Petraglia: Vozes, 1999.

RONDELLI, Elizabeth; HERSCHMANN, Micael. A mídia e a construção do biográfico: o sensacionalismo da morte em cena. **Tempo Social: Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, maio de 2000.

THOMPSON, J B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Trad. Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.



VEJA. São Paulo: Ed. Abril, n. 1.077, 26 de abr. 1989. Disponível em: http://www.abciber.com.br/simposio2009/trabalhos/anais/pdf/artigos/2_entretenimento/eixo2_art48.pdf . Acesso em: 18 de junho de 2011.

VELHO, Gilberto. **Memória, identidade e projeto**. IN: Projeto e metamorfose. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público**: uma teoria crítica da televisão. São Paulo: Editora Ática, 1996.

_____ **É preciso salvar a comunicação**. São Paulo: Paulus, 2006.

_____ **Pensar a Comunicação** (Trad. Zélia Leal Adghirni). Brasília: UNB, 2004.